



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

SEXUALIDADE, ESPORTE E FAMÍLIA: HISTÓRIAS DE VIDA DE MULHERES JOGADORAS DE FUTEBOL NO SUL CEARENSE

Autora: Livia Maria de Sousa

Universidade Regional do Cariri - URCA

livia.lacerda2011@hotmail.com

Resumo: Este artigo apresenta resultados parciais de projeto de pesquisa PIBIC/FUNCAP, desenvolvido na região CRAJUBAR e cidades adjacentes no Sul Cearense. É um trabalho de cunho antropológico situado no campo de estudo de gênero, sexualidade e família e tem como proposta refletir sobre corporalidade, padrões e convenções que envolvem relações de gênero e sexualidade. Investigamos a participação de mulheres em atividade futebolísticas com o objetivo de analisar estereótipos decorrentes do envolvimento de mulheres em práticas que divergem de padrões convencionais de feminilidade. A metodologia combina as técnicas de “observação participante” e “histórias de vidas”, com a realização até o momento de doze meses de trabalho de campo e 08 entrevistas em profundidade. Os resultados sinalizam, por um lado, para o caráter plural e mutável de gostos e identidades sexuais das jogadoras; por outro, para a percepção destas de que gostar de futebol não as tornam mais masculinas nem tem correlação direta com sua sexualidade. Estes discursos das jogadoras parecem expressar uma reação crítica aos estereótipos sobre futebol feminino que circulam na comunidade local.

PALAVRAS CHAVES: Sexualidade, Gênero, Esporte, Família.

Introdução

Esta comunicação apresenta resultados parciais de projeto de pesquisa PIBIC/FUNCAP, no qual participei enquanto bolsista¹. O projeto, desenvolvido na região CRAJUBAR desde 2014, previa realização de trabalho de campo, coleta, transcrição e análise de entrevistas com mulheres jogadoras de futebol visando explorar experiências desses sujeitos com a família e relações de gênero e sexualidade. Em seus objetivos gerais, o projeto propunha refletir sobre normas e convenções culturais relativas a gênero e sexualidade por

¹ O projeto, intitulado “Sociabilidade Feminina, Esporte e Família: trajetórias e experiências de mulheres jogadoras de futebol no sul cearense”, coordenado pelo prof. Dr. Leandro de Oliveira (URCA), contou com a participação de duas bolsistas de iniciação científica e apoio dos programas PIBIC/FUNCAP e PIBIC/URCA ao longo dos anos de 2014 e 2015. Agradeço à FUNCAP pela concessão da bolsa de iniciação científica que possibilitou minha dedicação a este projeto, assim como ao treinamento e orientação fornecidos pelo professor Leandro de Oliveira ao longo de sua execução.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

meio da coleta de entrevistas com jovens jogadoras de futebol. Mais especificamente, investigar possíveis conflitos na relação dessas mulheres com a família de origem, decorrentes da participação em atividades futebolísticas; refletir sobre estereótipos criados em torno das jogadoras e como observar as formas de corporalidade expressadas durante as partidas e em suas formas de sociabilidade.

A metodologia utilizada combinou as técnicas de “observação participante” e “histórias de vida”. Por meio do contato com rede de sociabilidade via futebol, mediada por uma estudante que cursa Educação Física na Universidade Regional do Cariri/ URCA nas terças-feiras à noite observamos os treinos de grupos de mulheres com faixa etária aproximadamente entre 18 e 40 anos de idade que têm eventual participação nos treinos em um ginásio esportivo localizado na Praça Bicentenário na cidade do Crato-CE. Esta praça é um espaço empregado pela população local em ocasiões de pequenos eventos, festivais e atividades desportivas. Foram efetuadas entrevistas gravadas – complementadas por conversas informais - com oito mulheres que participam de times de futebol.

Diante dos resultados das pesquisas percebemos que existem especificidades nas experiências de vida das jogadoras tocante ao envolvimento com o futebol ao passo que identificamos pontos em comum, por exemplo, no que diz respeito a relação com a família. Passo, aqui, às histórias das jogadoras². Tânia tem 18 anos, não estuda e trabalha como doméstica na casa de uma vizinha, melhor amiga de sua mãe. Jogou por algum tempo em um time amador em Barbalha. Começou a “jogar bola” aos 10 anos de idade. Morou um tempo em São Paulo em uma escolinha de futebol e largou tudo para “cuidar” da mãe que precisava fazer uma cirurgia. Tânia relata que sua mãe é totalmente contra o seu envolvimento com o futebol, enquanto seu pai dá total apoio e incentiva-a constantemente. O argumento que sua mãe dá para tentar convencê-la a não jogar é “que essa ideia de menina jogar bola, é coisa de gostar de menina”, – comentário que parece evocar um estereótipo que associa o gosto pelo futebol a gostos sexuais, à atração ou relacionamentos sexuais com mulheres.

² Todos os nomes foram alterados, visando resguardar a privacidade das colaboradoras da pesquisa.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

É bastante comum na região, o pensamento de que “futebol é coisa de homem”. A partir do momento que uma mulher passa a jogar futebol a sua sexualidade está ‘em jogo’, do ponto de vista da comunidade local. No caso de Tânia, sua sexualidade veio à tona para família em uma situação na qual seu cunhado demonstrou interesse sexual. A garota com quem Tânia mantinha um relacionamento era, também, amante de seu cunhado – e sua irmã descobriu que o marido estava tendo tais experiências extra-conjugais. Nesse conflito – que envolveu Tânia, sua irmã, sua parceira e seu cunhado – a sexualidade de Tânia veio à tona para toda família. Ela conta que sua mãe associa sua sexualidade a sua participação no futebol: “Isso aí é quando você vai jogar bola! Lá onde você está com suas ‘amiguinhas!”. Ou seja, certos estereótipos sobre gênero e sexualidade são acionados pela família, acerca da mulher ao se inserir nas práticas futebolísticas. Considera-se que *futebol é prática masculina, portanto mulher que joga bola é “lésbica”* (além de outras categorias como “sapatão”, “machinho”, que são atribuídas às jogadoras).

Nos dias de treinos realizamos entrevistas e conversas informais com as jogadoras nas arquibancadas e nos bancos de reserva. Identificamos que há uma tentativa por parte das jogadoras em romper com estes estereótipos. Entre os times, é possível identificar mulheres com uma postura que diverge de certos padrões convencionais de feminilidade, enquanto outras, que “jogam bem” são consideradas por elas próprias pessoas bastante “femininas”. Elas chamam atenção para o fato de que existe sim, mulheres que ficam com outras mulheres e coincidentemente também jogam futebol, mas a “paixão” pelo futebol, o “amor” pelo futebol, está para além da sexualidade. Ou seja, elas enfatizam que nem toda mulher que “joga bola” prefere manter relação afetiva e/ou sexual com mulheres.

Outro relato que revela conflito com a família é o de Cátia. Ela tem 20 anos, é estudante no curso de história e atualmente não está inserida em nenhum time. Participa apenas dos “rachas”. Sua experiência em relação ao futebol foi permeada de conflitos com a família, especificamente, seu pai e seu irmão mais velho. Apesar de ter sido educada com a ideia que “meninas brincam com meninas e meninos com meninos”, Cátia – assim, como



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

outras entrevistadas – “aprendeu” a jogar futebol com seus primos e amigos da comunidade. Posteriormente passa a jogar com meninas, mas os conflitos em seu âmbito familiar passam a ocorrer com mais intensidade. Ela associa a rejeição, especificamente de seus pais, a sua trajetória como jogadora, ao fato de outras mulheres que mantém práticas sexuais e afetivas com mulheres fazerem parte da rede de futebol, na qual está inserida. Há mais. Ela associa a repressão por parte de seus pais a um ‘conservadorismo’ que permeia as ações de seus familiares. Em certa fase de sua vida, jogara na quadra em sua cidade apenas acompanhada de seu irmão, o qual tinha idade próxima a sua e não revelava nenhum gesto de rejeição a sua participação no futebol. Enquanto outro irmão, mais velho, agia semelhante ao seu pai. Este foi contra Cátia jogar futebol, a ponto de bater se ela tentasse “fugir das regras”. A diferença de atitude entre seus dois irmãos, ao lado da significativa diferença de idade existente entre eles, sugere que os valores são construídos de formas diferentes em diferentes fases de vida. Além disto, podemos nos perguntar se o irmão mais novo, pertencendo a uma geração mais jovem, não seria mais receptivo a mudanças culturais que desestabilizam estereótipos convencionais sobre gênero e sexualidade.

Percebemos um ponto bastante em comum entre as entrevistadas, que diz respeito ao incentivo e aceitação do pai de algumas jogadoras a sua participação no futebol, e em maior ou menor grau a ‘não-aceitação’ por parte da mãe. Nesses casos, quando o pai aceita, não há impedimento da mulher jogar. Quando o pai não aceita, os conflitos são mais tensos e em maior grau. Tudo se passa como se às mães fossem mais resistentes à participação de suas filhas no futebol, mas os pais fossem aqueles que efetivamente detêm o poder de ‘proibir’ sua participação nesta atividade. No relato de Tânia, identificamos conflitos com a mãe. Ela não aceita que sua filha se relacione com mulheres e não aceita sua atuação como jogadora, embora atribua elogios a cerca de seu desempenho consideravelmente “bom” no futebol, para as pessoas que a procuram para jogar em outros times. Essas questões são bastante instigantes para pensar. É como se a mãe tentasse reproduzir na filha sua própria imagem ou estilo de vida.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Em outros relatos, o pai dá apoio, enquanto a mãe não manifesta oposição. Comenta apenas para manter cuidado para não se machucar nem se envolver em brigas. Um exemplo é o caso de Isabela. Tem 23 anos, cursa Educação Física e joga em um time amador chamado “Comercial GM”, que segundo ela é “mais ou menos profissional”. Sua treinadora patrocina com uniformes, inscrição em campeonatos, alimentação e transporte quando os jogos ocorrem em outras cidades. O prêmio para o time vencedor ocorre em medalhas ou troféu e em casos de torneios, prêmios em dinheiro. No caso do time mencionado acima, as jogadoras ficam com a premiação em medalha e a treinadora com a parte em dinheiro, Isabela diz: “... os torneios e campeonatos sempre têm premiação. Já que ela banca tudo ela é quem fica. Acho que não dá nem pra cobrir as despesas. Porque é muito gasto”.

No caso de Isabela, não identificamos conflitos entre a família. Pelo contrário, ela tem apoio, foi seu pai - que também joga no time dos veteranos em sua cidade - quem a levou aos treinos quando criança. Em homenagem montou um quadro na sala da casa para guardar as medalhas que Isabela conquistou nas competições ao longo da carreira como jogadora amadora.

Identificamos algumas questões sobre o pertencimento religioso de cada jogadora. Edilene tem 18 anos, estudante de graduação. Começou a jogar bola aos 13 anos com meninos da comunidade. Ela conseguia participar do jogo enquanto substituta. A ‘boa’ relação com os jogadores contribuía para conseguir uma vaga no time. Posteriormente ela consegue entrar em um time feminino da escola. Inicialmente foi rejeitada pelas outras jogadoras ao insinuarem que Edilene não sabia jogar porque “era do sítio”³. No início de sua carreira, sua mãe não dava total apoio em razão dos comentários da rede de vizinhança, que diziam que as meninas que jogavam futebol eram “macho e fêmea”. Para sua mãe consentir em sua participação no futebol, havia um tipo de negociação: ela poderia praticar o esporte, desde que contribuísse com as atividades domésticas.

³ “Mora em sítio” significa morar em zona rural.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Com relação ao pertencimento religioso, a depoente se considera Católica praticante. E diz que apesar dos comentários e de entender que na própria Igreja haveria preconceito contra mulheres jogadoras de futebol, não deixa de freqüentar porque se sente bem no espaço religioso:

Eu fui criada na Igreja, na Católica não deixei de ir. Sinto-me bem indo para Igreja. Acontece que a Igreja discrimina muito. Mas não vou deixar de ir, porque é cultura e faz parte de minhas raízes e eu não quero perdê-las e vou continuar assim, indo tanto para o futebol como para Igreja... Comigo não ocorreu nenhum tipo de situação. Mas você me ver indo pra Igreja... Aquela menina anda com meninos, então ela também é um macho! Mesmo assim ela vem pra Igreja. Tem muito isso (Edilene, 18 anos).

Entendemos que a depoente prefere não dar atenção às fofocas na rede vizinhança. Tânia, por outro lado, não se considera religiosa. Apesar de toda sua família ser Católica, ela se recusa a participar de algum ato religioso porque “não gosta”: “É muito preconceito para a gente ta vivendo dentro da Igreja e dentro de casa!”. Tânia, assim como Edilene, entende que há certo preconceito em relação ao futebol e a questões de sexualidade. Mas enquanto uma Edilene consegue conjugar a adesão religiosa com suas atividades mundanas, o percurso seguido por Tânia é de afastamento da Igreja. Tânia afirma que *acredita em Deus*, mas prefere não freqüentar congregações religiosas devido aos “preconceitos” existentes entre seus participantes.

Goellner apud Meinerz (2011), fala sobre “imposição da feminilidade”, que por meio da feminilidade adquire espaço fora do campo, e discute sobre “a conquista do espaço feminino” por meio da habilidade e competência. Nesse mesmo sentido, Aldeman apud Meinerz (2011) discute se essas características são mesmo masculinas. De modo geral, Meinerz conclui que:

(...) o argumento das autoras [Goellner e Adelman] vai colocar em questão, não a subordinação das mulheres às regras e às formas masculinas, mas a própria naturalização implicada na titularidade de determinadas potencialidades corporais (MEINERZ, 2011, p. 186).



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Muitas pesquisas científicas têm enfatizado a participação de mulheres no futebol, tomando em consideração o discurso sobre os padrões de feminilidade que considera a mulher incompatível com a prática do futebol. Volto a citar Meinerz:

As pesquisas dedicadas à participação das mulheres exploram as dificuldades implicadas tanto na popularização do esporte, quanto na profissionalização feminina. Enfatiza-se a incompatibilidade do esporte com as convenções de feminilidade, as acusações de masculinização e de homossexualidade às quais as jogadoras são regularmente expostas bem como as iniciativas mercadológicas de conjugação do futebol com a feminilidade (idem, p. 185).

Dentre maioria das entrevistadas, notamos que há uma preocupação com os cuidados alimentares, em manter boa forma, para não perder a velocidade. Em um caso específico, a preocupação está para além das habilidades. Está na possibilidade de ganhar musculatura e parecer mais masculina:

Eu fiquei um pouco preocupada. Quando eu engordei meus ombros ficaram mais largos e pareci mais masculina ainda eu me preocupei um pouco mais é coisa passageira. Depois a gente se acostuma (Isabela).

Notamos que há uma preocupação da jogadora quanto a sua aparência. Demonstrando de certo modo, por meio do uso da expressão “*mais masculina ainda*” que já se vê, de algum modo, como “masculina”. Edilene, falando sobre seu próprio corpo, expressa uma visão distinta sobre si, como “feminina”: “Eu não acho meu corpo masculino. É até super feminino. Eu não tenho vontade de ganhar massa muscular. Gosto de meu corpo como é e me dou muito bem como ele”.

Identificamos que há uma rede de *fofocas* na comunidade onde residem os familiares de algumas jogadoras. Isabela, apesar de morar em Crato - CE desde o ingresso na Universidade tem relação com amigas de sua antiga cidade e as acompanha em alguns jogos. Ela diz que já presenciou durante jogos alguns gritos vindos da arquibancada como “*sapatão*”, o que ela classifica como *piadinhas*. Conta que por presenciar esse tipo de



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

situação, tinha algum grau de preocupação com o que as pessoas da comunidade iriam pensar sobre suas maneiras e sua aparência, e quais visões iriam imprimir sobre sua sexualidade.

Nesses dois casos entendemos que alguns cuidados ou preocupação com o que as pessoas iriam pensar sobre sua aparência e sobre sua sexualidade é decorrente das experiências vividas na cidade relativamente pequena, “*onde todo mundo se preocupa com todo mundo*” como considera as próprias entrevistadas. Essa preocupação é reconfigurada ao adentrar em redes de sociabilidades nas quais as experiências são semelhantes entre si. Além de passar a viver em uma cidade de maior porte, onde as relações são relativamente construídas por escolha das jogadoras ou afinidade.

É bastante instigante a ideia de que o preconceito vem à tona em maior ou menor grau de acordo com os espaços. Falamos espaços em termos de cidade, de pequeno, médio ou grande porte. É comum o pensamento de que em cidade pequena as fofocas circulam rápidas e as conseqüências costumam repercutir de maneira mais intensa. O que não quer dizer que em cidade de grande porte não aconteça. Mas a questão principal é que há uma divisão geográfica em centro e periferias ou bairros menores que diz muito sobre a construção das relações entre os moradores. A comunicação ou aproximação com a população ocorre com facilidade nos “rachas” em campo de terra. O que pode facilitar as redes de fofocas. Identificamos esse tipo de situação no relato de Rayssa, que mora em uma vila em um dos bairros do Crato, tem 22 anos. Rayssa diz que aprendeu a jogar com meninos em sua comunidade em *campos de terra*. Posteriormente passou a jogar com meninas e entrou no time *Cratense*⁴, no qual jogou por algum tempo. Ela conta que os vizinhos do bairro onde mora a desestimulava argumentando que “*futebol não leva ninguém a nada*” “Eu já ouvi tantas coisas que se eu fosse dá importância, comentários como ‘Ah! Essa menina parece um homem jogando’. Com certo preconceito. Eu já estou acostumada” (Rayssa, jogadora, 22 anos). Essa ideia de que futebol não leva ninguém a nada é uma reflexão da dificuldade de profissionalização do futebol feminino. Mapeamos a região CRAJUBAR e não encontramos

⁴ Time amador, treinado por um homem. Não permaneceu por falta de patrocínio.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

nenhum time profissional. No qual as jogadoras tenham algum retorno financeiro fixo, nem financiamento necessário para despesas dos times.

Identificamos várias redes de sociabilidades via futebol. Durante a observação em campo vimos que após os jogos nem sempre as jogadoras iam para suas casas. Com alguma frequência elas saíam para tomar cerveja em um bar no centro da cidade. Para além desses encontros pós-jogo ocorrem nos finais de semana encontro na casa de alguma *das meninas*. Tânia diz que:

Eu considero como se fosse minha família mesmo. Elas têm carinho por mim como se eu fosse da família delas e a gente tem certo apego que eu não tive em minha família. Irmãs essas coisas. Faço tudo com ela o que eu não tive oportunidade de fazer com meus irmãos... A gente marca algo para gente curtir um pouquinho além da bola (Tânia).

As relações construídas entre essas jogadoras perpassam os momentos em jogos e passam a fazer parte da experiência de vida de cada uma. Por exemplo, Cláudia diz que as verdadeiras amizades foram construídas via futebol. Esse tipo de relação via futebol ocorrem em outras regiões, por exemplo, a antropóloga Pisani realiza um trabalho etnográfico nas periferias de SP e faz uma reflexão sobre a formação de jogadoras das periferias e do centro e como se dá tensões entre futebol amador e profissional. A autora analisa um grupo de jogadoras da zona leste de SP e diz que para além das atividades esportivas, esse grupo de mulheres mantém um laço afetivo muito forte, inclusive se encontram todos os dias mesmo sem ocorrer treinamentos. Vale destacar que essas mulheres fazem parte de categorias para além das futebolísticas (PISANI, 2014).

Tocante *a cor/raça*, notamos que há variação entre a cor da pele das jogadoras e nas formas pelas quais estas se percebem e classificam. Umas se consideram morenas, outras são brancas de olhos azuis. Sete entre as oito entrevistadas relatam que nunca presenciaram nenhum tipo de preconceito racial. Destacamos um caso específico, no qual a jogadora é consideravelmente alta, se considera branca e tem olhos azuis. Relata que já se sentiu excluída em determinados “rachas” em razão da cor da pele. É o caso de Edilene. A jogadora diz:



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Não sou negra. Tem mais essa de que as mais negras são mais fortes, jogam mais, mas quanto a isso sou de boa. Eu me considero branca... Se você for para uma racha e aquelas que têm mais corpinho ou são mais escuras, elas vão ser bem mais chamadas para entrar no time. E o que é mais branco e magrinho vai sendo descartado... Eu vejo dessa forma (Edilene).

Em certo sentido, a cultura brasileira diz que a mulher brasileira é morena ou negra e tem *samba no pé*. Ficamos nos perguntando, se esses estereótipos adentram no futebol. Será que a jogadora morena ou negra, vista como mais ‘forte’, é considerada alguém que *sabe jogar melhor* que a jogadora branca, quando é vista como mais “magrinha” ou ‘delicada’? Sob este ponto de vista, ser classificada como “branca” poderia, eventualmente, ser algo visto como uma desvantagem no mundo futebol – uma classificação racial que se entrelaça com estereótipos de gênero, apresentando jogadoras com certos traços de aparência física (a jogadora “branca e magrinha”) como menos apta para a atividade desportiva.

Notamos que existe um discurso sobre “paixão”, “amor” e “gosto” por parte das jogadoras em relação ao futebol. Nos relatos declaram, elas que *têm paixão* por futebol. Enquanto umas *jogam por lazer*, outras consideram uma *terapia*. Célia tem 41 anos. É empresária, tem duas filhas e um filho. Diz que aprendeu a jogar com os irmãos aos oito anos de idade quando ainda morava no interior do Ceará. Mudou de cidade em busca de melhorias financeiras. Ao chegar ao Crato conheceu outras jogadoras, com quem mantém laços de amizade. Diz que a família não se opõe ao fato de jogar futebol, porque quando Célia começou a jogar, já era *independente* [financeiramente]. Vivenciou uma fase na qual teve *depressão*. Tinha medo de adoecer, de viajar etc.; os medicamentos que tomava não faziam efeito. Então resolveu parar de tomá-los e passou a praticar exercícios físicos e jogar bola:

(...) o esporte em si é como o sangue que corre nas veias. Eu tenho paixão por esporte. Sempre gostei de esporte. Todo tipo de esporte eu gosto... Eu jogo por amor ao esporte. Eu gosto de jogar. Eu me sinto bem. Uma partida de futebol pra mim é como uma terapia. A gente já vive em um mundo agitado e o emocional da gente fica muito agitado em uma partida de futebol lhe faz relaxar (Célia).



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Notamos que a jogadora associa a prática de esportes a uma vida saudável e de qualidade. Durante a observação dos treinos, percebemos que essa jogadora está sempre sorridente e é bastante respeitada pelas demais. Ela montou uma espécie de ministério que procura levar o esporte para o dia a dia de crianças.

Diante os relatos das jogadoras observamos que existem classificações de gênero associadas à sua atividade enquanto jogadoras de futebol. São atribuídas várias categorias como “*sapatão*”, “*macho*” e “*lésbica*”. A possibilidade de fofocas circularem com frequência e causarem efeito mais intenso, aparece em experiências vivenciadas em comunidades com menor número de habitante. Sobre esse prisma as jogadoras procuram sempre em seus relatos, romper com o preconceito. Revelam que existem, sim, entre os times, meninas que se relacionam sexualmente com outras meninas. Mas a práticas do esporte em si, não define a sexualidade. Como diz Célia “futebol não tem sexo”.

Conclusão

Em linhas gerais, entendemos por meio dos depoimentos gravados e das conversas informais, que para essas mulheres adentrarem nas redes de futebol e permanecerem praticando, elas elaboram estratégias ao longo da carreira para lidar e reagir aos conflitos em torno da sexualidade tanto no âmbito familiar como na comunidade em geral. O *amor e a paixão* pelo esporte sobressaem sob esses obstáculos permeados de preconceito e procuram romper com os estereótipos em torno de suas participações no futebol.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MEINERZ, Nádía. “Introdução”; “Por Causa do Meu Jeitão: corpo, sexualidade e respeito” in **Mulheres e Masculinidades: etnografia sobre afinidades de gênero no contexto de parcerias homoeróticas entre mulheres de grupos populares em Porto Alegre**. Tese de doutorado. Porto Alegre: PPGAS/ UFRGS, 2011.

PISANI, Mariane da Silva. **Futebol Feminino, da periferia para o centro: primeiras notas etnográficas sobre a formação de jogadoras de futebol da cidade de São Paulo - 2014**